



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.88.18432>

## Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho

Parental grief and identity construction: understanding the process  
after the loss of the child

---

João Ferreira Coelho Filho<sup>[a]</sup>, Deyseane Maria de Araújo Lima <sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup> Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza/Ceará/Brasil,  
[joaofcfilho@hotmail.com](mailto:joaofcfilho@hotmail.com).

<sup>[b]</sup> Psicóloga, Doutora em Educação e Professora do Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza/Ceará/Brasil  
([deyseanelima@yahoo.com.br](mailto:deyseanelima@yahoo.com.br)).

---

### Resumo

A morte de um filho é um fato inesperado pelos pais, geralmente é visto como algo contrário à natureza, incitando um luto muito particular. As manifestações desse luto são diversas e dependem de fatores biológicos, culturais, sociais, dentre outros. Neste contexto, o presente estudo visa compreender a interface entre o processo do luto dos pais após a perda de um filho e a construção da identidade. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura de artigos científicos publicados nas bases SciELO e PePSIC, a busca ocorreu utilizando os descritores: luto, pais, filho e identidade. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra para análise em profundidade, assim, os dados foram organizados e discutidos em categorias: “Perda e luto: apresentação e desdobramentos”, “Fases do luto”, “Luto saudável e o luto patológico: manifestações frente a morte”, “Luto dos Pais: compreendendo o processo”, “A perda do filho e a construção da identidade dos pais”. Os resultados apontam os reflexos que a perda de um filho ocasiona na vida dos pais, dentre eles, impactos psicossociais, construção da identidade, vale salientar a influência da sociedade sobre o processo do luto no que se refere ao comportamento, expressão de sentimentos, e vivência da dor. Por fim, ressaltamos a importância de que mais estudos sejam realizados para compreender as expressões do luto na contemporaneidade e as identidades construídas frente a esse fenômeno.

**Palavras-chave:** Luto. Pais. Filho. Identidade.

## Abstract

*The death of a child is an unexpected fact by parents, is generally seen as something oppose to nature, inciting a very particular mourning, the manifestations of this grief are diverse and depend on biological, cultural, social factors among others. In this context, the present study aims to comprehend the interface between the mourning process of the parents after a loss of a child and the construction of the identity. An integrative review of the literature was carried out in scientific papers published in the SciELO and PePSIC bases using the descriptors: mourning, parents, child, identity. The selected articles were read in full for in-depth analysis, and then, the data was organized and discussed in categories: "Lost and mourning: presentation and development", "Stages of mourning", "Healthy mourning and the pathological mourning: manifestations in front of death", "The mourning of parents: understanding the process", "The lost of a child and the reconstruction of the parent's identity". The results point to the consequences that the loss of a child causes in the life of the parents, between them, psycho-social impacts, construction of an identity, It is worth emphasizing the influence of society on the process of mourning in relation to behavior, expression of feelings, and experience of pain. Finally, we emphasize the importance that more studies are performed to comprehend the expressions of mourning in contemporaneity and the identities built in front of this phenomenon.*

**Keywords:** Mourning. Parents. Child. Identity.

---

## Introdução

Os estudos sobre o luto exigem uma visão multidisciplinar para a compreensão de um fenômeno complexo e universal. O processo de luto é constituído por fatores biológicos, psicológicos e sociais que se entrelaçam diante do ser humano, e suas perdas reais e simbólicas, que ocorrem ao longo do nosso desenvolvimento. A perda de um ente querido é um acontecimento universal, no entanto a vivência dessa experiência é particular para cada pessoa e precisa ser compreendida enquanto um movimento que perpassa entre estes aspectos biopsicossociais relacionadas a perda de um ente querido e suas interfaces.

Este artigo caracteriza-se como um estudo sobre o luto dos pais ao perderem um filho e que busca traçar um diálogo com a temática identidade, tendo como referência a Psicologia Social. Alguns questionamentos dão embasamento às discussões que serão apresentadas ao longo do texto: como a morte é vista na sociedade; como o luto é vivenciado na contemporaneidade; como a psicologia tem refletido sobre esse fenômeno. Desse modo, surge uma questão norteadora: como o processo de luto relaciona-se com a construção identitária dos pais?

O paradoxo vida e morte acompanha a evolução do ser humano, morremos todos os dias, assim como vivemos todos os dias, há mortes que são reais e há mortes que são simbólicas, há mortes que são escancaradas, outras são interditas. O tema "morte" traz grandes discussões, seja na sociedade civil a partir dos medos e tabus, seja no meio acadêmico a partir de suas teorizações, desenvolvimento de tecnologias e meios de intervenções na morte e no luto. Nesse sentido, a literatura nos mostra que a morte é vista como um tema que causa temor e fascínio, enquanto para uns evoca medo, angústia e reconhecimento da sua finitude, para os artistas é fonte de inspiração para criação de músicas, poemas, dentre outras formas de expressões artísticas e culturais (Kovács, 2013).

Após a perda de um ente querido, o sujeito vivencia um processo de luto, essa experiência ocorre de forma individual e sofre influência do meio social. Em algumas pessoas esse processo pode gerar um sofrimento psíquico, e a necessidade de ajuda profissional - médica e/ou psicológica – que contribua para que o enlutado possa ressignificar a experiência da perda.

Para Kovács (2013), o luto é o rompimento de uma relação com quem construiu algum vínculo. A perda de uma pessoa significativa potencializa uma desorganização do sujeito, um sentimento de impotência que afeta a realização de atividades cotidianas. Nesse sentido, podemos pensar no rompimento do vínculo dos pais com o filho morto, esse tipo de perda é considerada complexa de ser elaborada, pois, numa ordem cronológica espera-se que os filhos velem seus pais.

Alguns fatores estão associados à experiência do luto parental, que ocorrem quando o pai perde um filho, a saber: o rompimento da sequência cronológica da morte, o papel que o filho desempenhava nessa família, causa da morte, idade do filho, qualidade e proximidade da relação, dentre outros (Morelli, Scorsolini-Comi & Santos, 2013), esses são aspectos relacionados diretamente entre pais e filho. Vale salientar que existem fatores biológicos e sociais que também corroboram para a vivência do luto.

O ditado popular nos diz que “quando nasce um filho, nasce um pai/mãe”, e quando morre um filho, morre um pai/mãe? Nesse momento o casal se coloca frente a uma situação que pode gerar sentimentos ambivalentes, tais como culpa e revolta. Os planos que foram traçados para aquele filho e que faziam parte de momentos coletivos em família foram interrompidos, a morte do filho deixa um vazio físico e existencial nessa família.

Evidentemente, fatores como vínculo, idade do filho no momento da perda, circunstâncias da perda - onde a morte ocorreu, como a morte ocorreu e as causas da morte - contribui para o processo de luto dos pais. Essas circunstâncias evocam o pensar sobre a perda do filho, as respostas a essas perguntas demandam reações diversas.

A perda de um filho é uma experiência singular e implica em um luto particular, posto que são inúmeras as adaptações que os pais precisam enfrentar, tanto em nível individual, como na relação conjugal e social. Ao perder um filho, o luto aparece como reação imediata, esse acontecimento solicita aos pais uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui, pois ocorrem diferentes mudanças na vida destes, referentes a concepção de mundo e papéis.

Diante do conteúdo exposto, este estudo objetiva compreender a interface entre o processo do luto dos pais, após a perda de um filho, e a construção da identidade. No intuito de analisar os impactos psicossociais do luto para os pais, após a perda do filho, bem como descrever o conceito de identidade na Psicologia Social.

## **Metodologia**

O referido estudo se caracteriza como uma Revisão Integrativa, metodologia que consiste na organização, leitura e análise crítica de estudos anteriores, sendo constituído principalmente por livros, artigos publicados, dentre outras fontes que servem ao desenvolvimento da ciência, resumindo a produção atual sobre um determinado tema (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Ainda sobre a Revisão Integrativa, salientamos seu rigor ético e técnico, e sua importância para o leitor final do trabalho, que terá em mãos um texto reflexivo sobre o tema proposto. No que se refere à sua aplicabilidade, destacamos seu percurso metodológico composto por fases. Na operacionalização desta revisão, seguimos as seguintes fases: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados, apresentação da revisão integrativa.

Os dados foram coletados em março de 2017 em dois portais eletrônicos, Scientific Electronic Library Online - SciELO e Periódico Eletrônico de Psicologia – PePSIC. As bases citadas reúnem um grande acervo de revistas eletrônicas em saúde e psicologia, tornando-se portais de referência em publicações científicas, portanto, foram selecionadas por possibilitar um amplo acesso a estudos na área da psicologia no Brasil.

Para o levantamento dos artigos foi utilizado os descritores: luto, pais, filho, identidade. O descritor luto foi utilizado de forma combinada com os demais por meio do operador “and”, que determina a relação entre dois ou mais descritores. O operador foi utilizado no intuito de restringir a pesquisa aos resumos que apresentavam de forma combinada os descritores selecionados, obtendo o seguinte resultado: luto and pais (30); luto and filho (37); luto and identidade (10), totalizando 77 artigos encontrados.

A seleção dos artigos considerou os seguintes pontos como critério de inclusão: artigo completo; disponível para download; estudo em português; em que no título apresentasse relação com o objetivo desse estudo; artigos em que um dos autores fosse psicólogo(a); publicado no período de 2007 a 2017, esse recorte temporal se deu no intuito de obter um panorama atual da produção científica acerca do tema. Foram excluídos os artigos duplicados, fora do período estabelecido, publicado em outro idioma que não o português, incompletos, que não apresentassem relação com o objetivo deste estudo.

Foram encontrados um total de 77 estudos, estando 46 hospedados no Scielo e 31 no Pepsic. Considerando os pontos elencados como critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 60 artigos, pelos seguintes motivos: 13 estudos duplicados, 02 publicação em inglês, 02 em espanhol, 41 fora do período e/ou com objetivo não correspondente à proposta deste estudo, 01 em que os autores não eram psicólogo(a), 01 artigo incompleto. Assim, a amostra final foi composta por 17 artigos, dos artigos selecionados 09 estavam hospedados no Scielo e 08 no Pepsic.

Por conveniência foram adicionados capítulos de livros de autores que abordam o tema luto e são tidos como referência, como Kovács, Kubler-Ross, Parkes, dentre outros. Sobre a temática da identidade foram utilizados capítulos de livros de Ciampa, Lane, dentre outros autores/pesquisadores inerentes ao estudo proposto.

Para uma melhor visualização dos artigos selecionados, foi elaborado um quadro contendo as seguintes informações: autor, ano da publicação, título, revista. Em seguida os artigos foram agrupados e discutidos em categorias que apresentam os estudos inseridos na Revisão Integrativa.

Tabela 1 – Apresentação dos trabalhos selecionados nas bases SciELO e PePSIC

Nº	Autor	Ano da publicação	Título do Artigo	Revista
----	-------	-------------------	------------------	---------

01	Gomes et al.	2015	O processo de luto pela perda de um filho em uma idosa cuidadora de um paciente crônico.	Psicol. hosp. (São Paulo)
02	Lemos; Da Cunha.	2015	Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional.	Psicol. cienc. prof.
03	Cremasco et al.	2015	Mães que Perderam Filhos: uma Leitura Psicanalítica do Filme Rabbit Hole.	Psicol. cienc. prof.
04	Franqueira et al.	2015	O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães.	Estud. psicol. (Campinas)
05	Davel; Silva.	2014	O processo de luto no contexto do API-ES: aproximando as narrativas.	Pensando fam.
06	Faria-Schützer et al.	2014	Fica um grande vazio: relatos de mulheres que experienciaram morte fetal durante a gestação.	Est. Inter. Psicol.
07	Cazanatto; Marta.	2014	A Perda de um(a) Filho(a) Jovem no Romance Paula, de Isabel Allende.	Psicol. cienc. prof.
08	Oishi.	2014	O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto.	Psic.: Teor. e Pesq.
09	Freitas; Michel.	2014	A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica.	Psicol. estud.
10	Muza et al.	2013	Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal.	Psicol. teor. prat.
11	Silva; Melo.	2013	Experiência materna de perda de um filho com câncer infantil: um estudo fenomenológico	Rev. abordagem gestalt.
12	Bertran; Gomes.	2013	A vincularidade enquanto malha e seu esgarçamento ante o luto.	Pensando fam.
13	Morelli; Scorsolini-Comin; Santos.	2013	Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais.	Ciênc. saúde coletiva
14	Consonni; Petean.	2013	Perda e luto: vivências de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal letal	Ciênc. saúde coletiva
15	Gaino et al.	2012	O luto antecipatório dos pais de uma criança com doença crônica: uma análise fenomenológica do filme Em busca da luz.	Psicol inf.
16	Bittencourt; Quintana; Velho.	2011	A perda do filho: luto e doação de órgãos.	Estud. psicol. (Campinas)
17	Souza et al.	2007	O acompanhamento psicológico a óbitos em unidade pediátrica.	Rev. SBPH

Fonte: Elaborado pelo autor.

O material selecionado foi lido na íntegra para análise em profundidade e organizados em temáticas. Inicialmente é apresentado o conceito de perda e luto, com suas respectivas fases de elaboração e sua distinção entre o luto normal e o patológico, em seguida, aborda-se a morte do filho e seus desdobramentos, como a reação dos pais, intervenção, por fim, faz-se um tópico sobre a construção da identidade dos pais após a perda do filho.

### Perda e luto: apresentação e desdobramentos

A morte, e conseqüentemente o luto, é um tema complexo, envolto de medos e tabus, no entanto, tem avançado em estudos e despertado o interesse das mais diversas áreas do conhecimento. Na psicologia, observa-se uma ênfase em estudos na área da psicologia hospitalar e clínica, talvez seja o espaço onde a morte se torna mais apresentável e possível.

Para Parkes (1998), o luto é uma reação expressa pelo sujeito após uma perda significativa de uma pessoa ou objeto, frequentemente é associado à perda por morte de uma pessoa amada. No luto, ocorre uma transição psicossocial que promove impacto em todas as áreas onde o sujeito enlutado encontra-se inserido.

Na análise do filme *Rabbit Hole*, as autoras Cremasco, Schinemann e Pimenta (2015) apresentam o conceito de luto e de melancolia a partir da história de um casal que perdeu o filho de quatro anos de idade, em seu estudo as autoras pontuam de modo especial como a perda de um filho abre uma ferida narcísica na mãe, levando ao estado melancólico, enquanto o pai apresenta uma aceitação da perda e recursos de enfretamento, o que se entende que o pai vivencia o estado de luto. De modo geral, o luto é um momento de pesar, considerado como um estado saudável e natural, já a melancolia é um estado patológico dessa experiência, que atualmente entendemos como depressão.

Segundo Bromberg (1996, p. 104) “[...] o luto é definido como uma crise por que ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessário de uma única vez e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com eles”. Para enfrentar a morte do filho os pais precisam se reorganizar psiquicamente e em suas relações interpessoais, para que ocorra a reorganização do sistema familiar e os pais possam elaborar a morte do filho, é preciso vivenciar a crise que se instaura devido à carga do luto e dos desdobramentos dos papéis desempenhados na família.

A experiência do luto é singular e condiz com elementos que são internos e externos ao sujeito. Desse modo, a cultura, educação, grupo social e religião são elementos que estão diretamente ligados à forma como o ser humano vivencia a perda e vela o seu morto.

São inúmeras as emoções que podem ser expressas ou reprimidas nesse momento - tristeza, culpa, ansiedade, impotência, raiva, saudade - tais sentimentos emergem no ser enlutado, fazendo parte do processo natural do luto. Esses sentimentos precisam ser vivenciados como forma de elaboração da perda, negá-los dificulta a elaboração e pode desencadear um luto mal elaborado, mediante este fato, as manifestações podem ser indicativas de um processo patológico (Kovács, 2013).

Falar sobre a morte de um ente querido é um tema permeado por tabus, porém, falar sobre a morte de um filho implica em adentrar a um tema inimaginável, pois corrompe uma ordem supostamente “natural”. Segundo Bromberg (1996), a morte do filho tem efeitos devastadores sobre o sistema familiar, nesse momento diferentes sentimentos vêm à tona e afetam de forma individual cada um dos pais, refletindo na dinâmica do casal, do sistema familiar e social.

A morte de um filho é uma experiência traumática e reflete de diferentes formas na relação conjugal, culminando com o rompimento dos sonhos do casal em relação ao filho perdido, comprometendo a relação afetiva e sexual, inicia-se um interjogo de revolta e culpabilização. A lacuna é aberta tanto na parentalidade quanto na conjugalidade (Berttran & Gomes, 2013; Morelli, et al., 2013).

Em algum momento da existência, o ser humano irá perder algo ou alguém, conseqüentemente irá passar pelas fases do luto. Para que o luto seja elaborado é preciso

que a pessoa vivencie essas fases. A seguir discorremos um pouco sobre essas fases a partir de autores tidos como referência no tema.

### **Fases do luto**

Em função da importância de compreendermos os diferentes estudos significativos sobre luto e a forma como diferentes autores definiram tais fases, descreveremos os estudos de Kubler-Ross, Parkes e Bowlby, autores que se destacam no aprofundamento de tais questões, sendo referências no assunto.

A médica Kubler-Ross (2011), em seu estudo elaborado a partir da observação de doentes terminais e suas reações diante da morte iminente e, mais tarde, ampliado para as questões de perdas e lutos, publicado no livro *Sobre a morte e o morrer*, discorre sobre as cinco fases ou estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A autora foi responsável pela sistematização das fases do luto, seus estudos com crianças, pacientes soropositivos e idosos com doenças fatais contribuíram para que a morte fosse encarada pelos médicos, doentes e familiares de forma mais amena.

Os estágios do luto são mecanismos de defesa psíquica usadas pela pessoa para lidar com fatos de difícil aceitação. No estágio da negação, o sujeito encontra-se frente a uma realidade inaceitável. Nesse sentido, fugir é a reação inicial que funciona como um choque para uma notícia chocante, com o passar do tempo a negação possibilita que a pessoa se recupere e reaja de forma diferente. A raiva, como segundo estágio, traduz a dor que a pessoa está sentindo, expressa por meio de sentimentos de revolta, inveja e ressentimento. No estágio da barganha, a pessoa volta-se à sua crença, responsabilizando Deus pela situação vivida e como detentor de poder para mudar a realidade, a vida torna-se negociável com o ser superior. A depressão é a fase de preparação para a aceitação da morte, a pessoa recolhe-se ao mundo interno, sentindo-se impotente diante da situação. Existem dois tipos desse transtorno, denominado por reativa e preparatória: a primeira envolve preocupações tidas como naturais de quem quer partir deixando a vida organizada, na segunda é dado ênfase às perdas iminentes, onde a qualquer momento o paciente estará se desvinculando de pessoas e objetos que ama. A aceitação é o último estágio, nesse momento a pessoa entende a realidade da morte encerrando sua luta contra essa realidade (Kubler-Ross, 2011).

Salientamos que a autora apresenta os estágios do luto numa sequência didática, no entanto, o ser humano pode vivenciar esses estágios de forma diferenciada, alternado entre as fases, estagnando em uma delas, ou nem sequer consegue chegar a fase da aceitação.

Segundo Parkes (1998), as fases do luto estão entrelaçadas entre o entorpecimento, primeira fase, onde a pessoa vive a perda como algo irreal, sente-se imobilizada, esses sentimentos dão lugar à vivência da fase da saudade ou protesto, seguida pela fase de desorganização e desespero e, finalmente, a recuperação, fase considerada como fim do processo.

De acordo com Bowlby (1985), diante da perda da pessoa amada, o processo de luto pode seguir quatro fases distintas, a saber: fase de entorpecimento, onde ocorre um choque pela notícia da perda, podendo vir acompanhada de expressões de desespero ou de raiva em uma curta duração de tempo. A fase de anseio e busca pela pessoa perdida, tem uma duração maior, sendo a raiva o sentimento de maior expressão, nessa fase é comum que o enlutado busque a pessoa perdida, sinta sua presença na ausência. Na fase de desorganização e

desespero a pessoa sente-se abandonada pela pessoa que partiu e incapacitada de realizar qualquer atividade que antes não eram atribuídas a ela, sentimentos de raiva e tristeza são comumente manifestados nesse momento de desordem. Na fase de reorganização ocorre uma conscientização da perda e a constatação de que a vida continua e novos passos precisam ser dados para reconstruir a vida sem a presença do ente falecido.

As fases descritas não são categorias que normatizam o processo de elaboração do luto, pois o ser humano é singular, possui histórias e recursos individuais que constituem esse momento. Compreender as fases do luto ajudam os familiares e principalmente os profissionais a reconhecerem em que fase se encontra o ser humano e, assim, traçar estratégias de trabalho ou de ajuda que possam contribuir com o processo de elaboração da perda. Neste sentido, o ser humano não se encontra fechado, vivendo as fases numa linha contínua, as fases são vivenciadas de formas distintas no que se refere à intensidade, duração e ordem.

Kubler-Ross, Parkes e Bowlby são estudiosos que se aprofundaram no tema luto, considerados referência no assunto, dado que me levou a optar por apresentá-los nesse tópico de forma distinta. As fases do luto por eles descritas apresentam nomenclaturas diferentes, porém, características similares no que diz respeito à compreensão de como acontece a vivência das fases ou estágios pelos enlutados. Em Parkes e Bowlby, observa-se outra característica teórica que aproxima os autores, a compreensão do vínculo afetivo como forma de construção da personalidade do ser humano, essa construção refletirá na forma como elaboraremos as perdas durante nossa vida adulta.

A passagem pelas fases do luto corresponde ao processo de elaboração dos pais diante da perda de um filho, essa elaboração pode transcorrer de forma normal ou patológica. Em alguns pais essa experiência dura um tempo maior ou menor, a depender da singularidade do enlutado e dos diferentes fatores que podem ser complicadores ou não.

### **Luto saudável e o luto patológico: manifestações frente a morte**

O luto é uma experiência singular, suas reações podem ser físicas, comportamental e psicológica, variando em intensidade e frequência. No luto tido como “saudável”, a intensidade e frequência das reações parecem afetar numa menor proporção a vida do enlutado, enquanto no luto “patológico” ocorre uma exageração desses sintomas e comportamentos, afetando a saúde da pessoa que perdeu alguém. No luto saudável a experiência pode ser elaborada com os recursos existentes no próprio enlutado, apoiados na família, religião, e no meio social, no luto patológico essa rede de apoio não é suficiente, nesses casos é necessário uma intervenção médica e/ou psicológica.

Na versão atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (2014), uma pessoa que perdeu um ente querido e encontra-se em sofrimento pelo rompimento desse vínculo, pode vir a ser diagnosticado com transtorno depressivo maior. Nas versões anteriores, as pessoas em luto eram excluídas de serem diagnosticadas com depressão. Seguindo a nova orientação do DSM, os pais que acabaram de perder um filho e manifestam seu luto de forma abrupta estão sujeitos ao tratamento especializado via diagnóstico de depressão.

O DSM-V reconhece os determinantes culturais como protagonistas da vivência do luto, desse modo, o tempo e a expressão do luto de uma pessoa que perdeu alguém sofre

influência do meio cultural. Neste sentido, o texto abre uma possibilidade de um olhar clínico holístico sobre o enlutado, incluindo aspectos sintomatológicos e da singularidade do ser humano durante o processo de avaliação. No luto sem complicações ou normal, os sentimentos de tristeza, insônia, falta de apetite, podem constituir esse momento de elaboração da perda, e, se não houver um discernimento do profissional, muitos serão diagnosticados por estarem sofrendo a perda de seu ente querido.

Nesse contexto, considera-se importante as colocações de Gomes, Laham, Ferrari, Benute e Lucia (2015) acerca do lugar dos sentimentos de tristeza e do luto na contemporaneidade, sentimentos que podem ser identificados como sintomas de um quadro patológico a partir do DSM-V. Em reflexão teórica e com as narrativas de uma mãe em luto, há mais de dois anos os autores compreenderam que o luto induz ao sofrimento, compromete o estado psicossocial, mas é algo processual e subjetivo, que sofre influências de diferentes fatores. As reações e o tempo do luto seguem um fluxo de caráter eminentemente humano, e muitas vezes não necessariamente patológico.

Algumas variáveis interferem no processo de luto, Bowlby (1985) considera cinco categorias que podem colaborar para a vivência de um luto sadio ou patológico, a depender da sua intensidade: 1) identidade e o papel da pessoa perdida, 2) idade e o sexo da pessoa enlutada, 3) causas e circunstâncias da perda, 4) circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada na época da perda e depois dela, 4) personalidade do enlutado.

O rompimento da vinculação entre pais e filhos é na maioria das vezes um acontecimento que gera frustrações, principalmente quando este rompimento é por motivo de morte, pois, além de romper com a relação afetiva, há uma destruição da identidade paterna, dos sonhos projetados no filho perdido, devido a este fato, o processo de luto paterno é complexo, e as reações dos pais frente a esse acontecimento podem ser incomuns. Esse tipo de perda é por si um agravante para o desenvolvimento de uma psicopatologia quando associada às variáveis que interferem nesse processo, os pais podem enfrentar um luto normal ou patológico.

No binômio normal e patológico deve-se ter cautela ao tratar da perda de um filho, experiência já descrita nesse estudo como traumática e de difícil elaboração. Os sentimentos expressos no luto merecem uma atenção especial, pois são sentimentos distintos que constituem esse momento de elaboração e ressignificação da perda, no entanto, mesmo após um longo período, tais sentimentos ainda podem existir sem que o enlutado esteja enquadrado em uma psicopatologia. Contudo, quando se constitui um quadro psicopatológico como a depressão, por exemplo, a perda não é ressignificada e o ser humano fica cristalizado nessa experiência. O sentido da vida foi perdido junto com a perda do filho.

### **Luto dos pais: compreendendo o processo**

Nesta categoria, pretende-se discutir as concepções atribuídas à morte de um filho em diferentes contextos. Bromberg (1986) apresenta as reações dos pais ao perder um filho nas seguintes circunstâncias: morte do filho diagnosticado com doença crônica; morte do filho deficiente; morte do filho por aborto natural ou provocado; morte do filho natimorto. Vários tipos de morte assolam a experiência dos pais e refletem no seu modo de enlutar-se.

Os modos de vida contemporâneos favorecem a ocorrência de mortes violentas, trágicas, a exemplo disso, a morte por suicídio, um fenômeno social que tem chamado atenção dos pais na contemporaneidade.

Neste contexto, o estudo de Gaino, Flauzino, da Silva e Teixeira (2012) elucida que o luto antecipatório que ocorre com a pessoa ainda viva, geralmente em situações de doença grave e com longo período de tratamento, sendo vivenciado tanto pela pessoa doente quanto pelos familiares, é um tipo de luto permeado por diversos comportamentos que seguem desde a negação, culpa, angústia, até a aceitação. No entanto, o luto antecipatório pode ter seu valor positivo, corroborando para o enfretamento da perda do filho. O diagnóstico declara a iminência da morte, que de alguma forma prepara os pais para esse momento, estreitando a relação e possibilitando a despedida.

A morte do filho com deficiência ocasiona nos pais sentimentos ambivalentes, a criança parece depender integralmente dos pais, que se organizam para atendê-la, outro momento os pais criam uma dependência de cuidar da criança. Enfrentar esse novo contexto sem ter a quem destinar o cuidado parental, causa muito sofrimento, principalmente para mãe que numa cultura ocidental assume na maioria das vezes o papel de cuidadora da criança.

Perder um filho por aborto natural ou provocado é uma perda que causa um sentimento devastador para os pais, em especial, para mãe que constrói uma relação afetiva com a criança, desde o momento que toma ciência da gravidez. Quando o aborto ocorre por malformação congênita, os sentimentos dos pais podem aflorar para uma relação de culpa, pela criança ter sido gerada com “defeito”.

A expressão “com defeito” e as reações adversas dos pais para essa situação, são apresentadas por Souza, Wottrich, Seelig, Vigueras e Ruschel (2007) como sentimentos que merecem um olhar mais amplo. Portanto, a culpa por terem gerado um filho doente, precisa ser acolhida pelos profissionais de psicologia, que devem clarificar para os pais a importância dos seus papéis, investimentos realizados e limitações inerentes do ser humano, trabalhando esses sentimentos, os pais poderão caminhar para um processo saudável de elaboração do luto.

Vale ressaltar que a literatura traz um contexto de uma gravidez planejada e/ou desejada, haja vista os sentimentos poderem ser divergentes caso a gravidez não ocorra sob essas perspectivas.

O luto pelo filho natimorto, muitas vezes, não é autorizado socialmente, devido a morte ter ocorrido quando o bebê ainda não foi apresentado para os pais ou para o mundo. A morte do filho nessa situação rompe com a maternidade e a paternidade, ocorrendo uma desestruturação da família. Compartilhamos da observação de Muza, de Sousa, Arrais e Iaconelli (2013), ao discorrer sobre o quanto os próprios estudos negam a existência desse tipo de morte.

Na literatura, o luto materno é foco da maioria dos estudos que apresentam o lugar da mulher na gestação e as afetações individuais e familiares após a perda do filho. Em relação a experiência do pai, ressalta-se o seu papel em cuidar da mãe e organizar a burocracia da perda, em que seus sentimentos são interrompidos socialmente. Observa-se o quanto o luto sofre influência dos aspectos psicossociais, em especial aos de gênero.

No que se refere ao processo de elaboração dos pais, é ressaltado a importância dos rituais como forma de consolidar a perda do filho. No caso onde a criança nasce morta ou

morre por complicações dias após o nascimento, o contato com o filho morto consolida essa perda. O contato é necessário para que os pais possam sentir a dor, encarar a perda e criar estratégias de enfrentamento. Os rituais fúnebres são fonte de apoio para o luto dos pais, ações como a de segurar o bebê no colo, enterrá-lo, despedir-se mesmo que de forma rápida são importantes para os pais e para o processo que se inicia (Silva & Melo, 2013; Faria-Schützer, Neto, Duarte, Vieira & Turato, 2014).

Além da importância dos rituais, o apoio do parceiro(a), a participação em grupos de pais enlutados, a realização de atendimento psicoterápico, foram observados como recursos valiosos para o enfrentamento da perda de um filho e elaboração do luto (Davel & Silva, 2014; Oishi, 2014). Atualmente, as redes sociais tem se tornado um ponto de encontro de pais enlutados, as trocas de relatos por meio de blogs, fanpages, e aplicativos ajudam no reconhecimento da dor e na rede de fortalecimento que é virtual, mas social.

Estudos que investigaram a questão do luto parental após a perda de um filho, utilizando revisão teórica (Bittencourt, Quintana & Velho, 2011), análise cinematográfica (Berttran & Gomes, 2013), e pesquisa de campo com mães enlutadas (Consonni & Petean, 2013; Freitas & Michel, 2014; Lemos & Cunha, 2015), constataram que as reações são distintas, tanto para o pai como para a mãe, os sentimentos que emergem nesse momento são de raiva, culpa, dor, isolamento, saudade, auto reprovação, vontade de morrer, impotência, dentre outros.

A perda de alguém com quem construímos um vínculo é sem dúvida uma experiência devastadora, que causa dor e sofrimento, porém, a morte de alguém que amamos pode ser visualizada e experienciada como um acontecimento que potencializa o crescimento pessoal dos pais. Nesse sentido, o estudo realizado por Franqueira, Magalhães e Féres-Carneiro (2015) com cinco mulheres que perderam o filho em situações diversas, a partir dos relatos das mães as autoras conseguiram perceber além dos aspectos negativos da perda de um filho, mas de crescimento, autoconhecimento, e valorização de si, características pouco discutidas em outros estudos. Os estudos sobre a morte, o morrer e o luto valorizam os aspectos dolorosos, no entanto, a morte também assume aspectos positivos para a vida do ser.

No que se refere aos mecanismos e recursos utilizados pelos pais para elaboração do luto, Cazanatto e Martta (2014) destacam a escrita. As autoras avaliam um romance autobiográfico intitulado “Paula”, onde uma mãe escreve um livro para a filha em coma, posto que essa foi a forma que a mãe encontrou de presentificar a filha simbolicamente morta. Trazem conceitos da psicanálise (rastro, fantasia, angústia, rememoração, ferida narcísica, dentre outros) e dialogam com a ação da escrita literária como via suportiva para processo de elaboração do luto da perda do filho.

Não existe um tempo determinado para que os pais vivam e findem seu luto. Em alguns casos dura um tempo maior ou menor, à depender da singularidade e de diferentes fatores, como a cultura, fatores complicadores, dentre outros já descritos anteriormente. O fato de ressignificar a perda, não implica em afirmar que os pais apagaram da memória o filho perdido, e nunca mais irão chorar ou sentir saudade, pois o ente querido permanece vivo na memória, contanto, as reações ganham outra intensidade e significado.

## A PERDA DO FILHO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS PAIS

Nesse tópico, iniciaremos um diálogo que apresenta a experiência do luto e algumas questões acerca da construção da identidade dos pais após a perda de um filho, no intuito de traçar paralelos que começam a dar sentido a esse fenômeno. Para falarmos sobre a identidade dos pais enlutados numa perspectiva da Psicologia Social Crítica, faremos uma breve contextualização sobre o desenvolvimento da Psicologia Social.

Assim, como as demais ciências sociais, a Psicologia Social passa a se desenvolver a partir da crise que assolou o mundo após a Segunda Guerra Mundial. Essa crise ficou conhecida por “crise da psicologia”, iniciada na Europa em 1960, quando os psicólogos sociais não conseguiram dar as respostas esperadas para os problemas vigentes – preconceito, miséria, violência, dentre outros – as teorias desenvolvidas nesse período não davam conta dos problemas sociais. As críticas a esse modelo surgem na Europa, em especial na França e na Inglaterra, mais tarde ganha força na América Latina (Lane, 2006).

Na América Latina, para Bernardes (2013), a crise se instaura no final da década de 1970 quando alguns psicólogos sociais iniciam um movimento que questiona o modelo importado dos Estados Unidos voltado para uma Psicologia Social experimental e individual, em defesa de um modelo voltado para a realidade dos problemas políticos e sociais da região. Alguns acontecimentos marcam a história da crise da psicologia, dentre eles a realização dos Congressos da Sociedade Interamericana de Psicologia, em especial os realizados em Miami – EUA (1976) e em Lima – Peru (1979), que trataram das inquietações sobre os modelos de Psicologia Social norte-americana descontextualizados com a realidade social.

Em 1960, surge a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO), que não foi aceita pelo meio e logo surgiram outras associações, como a Associação Venezuelana de Psicologia Social (AVEPSO), e no Brasil a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Estas instituições levantaram a bandeira de uma transformação social de acordo com a nova proposta da Psicologia Social (Bernardes, 2013).

A Psicologia Social Crítica, na América Latina, surge desse pluralismo de modalidades a partir da “crise da psicologia” com um novo olhar para os fenômenos sociais, um olhar que rompe com o modelo neopositivista de ciência. Os psicólogos envolvidos com essa proposta passam a construir um conhecimento científico comprometido com a transformação social. Neste sentido, esse movimento coloca-se contra a opressão e a exploração presente na sociedade na década de 1960 e 1970, regida pela ditadura militar.

A Psicologia Social tem por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais. Uma das características que a representa é sua pluralidade e multidisciplinaridade no que tange às abordagens teóricas, objetos de estudo, modalidades, dentre outros aspectos que se desdobram através de suas transformações – epistemológica, metodológica, e teórica ao longo dos tempos (Lane, 2004).

Pensar em uma atuação nesta perspectiva é comprometer-se com a realidade social, facilitar a reflexão sobre a situação vivenciada pelos sujeitos, refletir sobre os direitos sociais e perceber a necessidade de ações que possam amenizar as situações de exclusão social.

Esta vertente da Psicologia Social, que tem como influência o materialismo histórico dialético, compreende o ser humano como histórico-social, como agente de mudança, tem a possibilidade de transformação social. Desta maneira, é um ser que constrói a sua história a medida que é transformado pela realidade social em que está implicado (Lane, 2004).

Os estudos sobre identidade como categoria da Psicologia Social têm ganhado repercussão, vislumbrando uma compreensão da identidade social – individual ou coletiva – a partir de pesquisas que utilizam diferentes métodos, como diários pessoais, autobiografias, e outras fontes da experiência humana (Lima & Ciampa, 2012).

Para Ciampa (2004), a identidade está em constante transformação, em uma metamorfose. A resposta da pergunta “quem sou eu?”, não dá conta de uma totalidade na qual a identidade se constitui. Esse processo remete à identidade como algo dinâmico, sua resposta demarca uma narrativa de um sujeito que é autor e personagem da sua história.

Nesse sentido, Ciampa (2004) aponta que a identidade se dá numa relação com o outro, os pais precisam se comportar como pais para efetivar uma relação paterno-filial, que é socialmente reconhecida no que tange suas características e comportamentos.

Na fase de triagem e seleção dos artigos, foi percebido que não haviam publicações que contemplassem o tema identidade e luto, a maioria dos estudos publicados que apareceram na busca tem por objetivo compreender a identidade a partir de questões sociais e de grupos vulneráveis, e, quando faz referência ao tema morte, os estudos contemplam a identidade do profissional que atua com essa realidade, seja na assistência à saúde, tais como médicos, psicólogo(a)s, assistentes sociais e outros, ou no ritual da morte como no caso dos coveiros.

Neste contexto, poucos artigos tocam na questão da identidade dos pais após a perda de um filho, o tema é abordado de forma sucinta, refletindo sobre esse acontecimento como algo que desorganiza a vida, a construção social e individual do ser humano – no que se refere a ser pai e/ou mãe – dessa forma, a perda do filho rompe com essa condição, e inicia-se um processo de construção identitária, assumindo outros papéis que não são os de parentalidade.

Inerente à supracitada perspectiva, podemos nos apresentar como pai, mãe, marido, esposa, trabalhador, desempregado, religioso e ateu. Contudo, cada um desses aspectos condizentes à nossa identidade está entrelaçado com os papéis que desempenhamos. Podemos ser identificados por diferentes características que sejam de cunho físico, emocional, social, dentre outros, portanto, essas características tem a função de definir tanto semelhanças quanto diferenças em relação às outras pessoas.

Para Ciampa (1987), a identidade é constituída pelos diversos grupos que fazemos parte. Além de nos identificar enquanto pessoa, indica para a sociedade e para nós mesmos qual seria nosso lugar no mundo, quais são os limites e possibilidades a nós permitidas. Assim, a identidade é metamorfose, ou seja, é movimento, é um processo de transformação e de mudança.

Sobre esses papéis, construímos a nossa identidade, que pode ser afetada após a perda de um filho. É nesse sentido que abordamos o tema construção da identidade, pois na concepção de um filho, construímos a identidade de sermos pais, e ao perder o filho essa identidade passa por mudanças, o filho real não existe mais, a sociedade não os reconhece como pais, sentimentos ambivalentes vem à tona, tanto pela experiência do processo de elaboração da perda quanto pelos múltiplos fatores associados.

O primeiro grupo social do qual fazemos parte é a família, exatamente quem nos dá nosso nome. Nosso primeiro nome (prenome) nos diferencia de nossos familiares, enquanto o último

(sobrenome) nos iguala a eles. Diferença e igualdade. É uma primeira noção de identidade. (Ciampa, 2004, p.63)

Nesse momento a identidade dos pais sofre influência do meio familiar, social e cultural. Os pais podem sentir-se culpados, impotentes em não terem conseguido proteger o filho da morte, tristes pela perda ou aliviados, considerando a qualidade da relação, as causas da perda, dentre outros fatores. Na morte do filho essa relação pais/filho é interrompida, logo essa identificação enquanto pais é substituída por uma identificação que não tem nome, por isso há uma construção da identidade, os pais irão retomar suas atividades, seus planos, sua relação familiar e conjugal, contudo, agora sem a presença real do filho, o que perfaz uma afetação e construção da identidade dos pais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os materiais encontrados nesta Revisão Integrativa refletem a sociedade contemporânea, que não cede espaço para a experiência do luto, pois o capitalismo estimula os pais a seguirem em frente, subvertendo na maioria das vezes os sentimentos de dor. Ao nos referirmos ao luto dos pais que perderam um filho, inferimos a uma literatura voltada para a experiência materna, já o luto paterno é atenção de poucos estudos, entendemos assim, que a sociedade encontra-se em processo de reconhecimento da fragilidade masculina.

Dentre os impactos psicossociais que a perda de um filho ocasiona, a literatura destaca as doenças psicossomáticas, em especial a depressão, comprometimento da relação conjugal e social afetando o trabalho, religião, lazer, entre outros. As mesmas áreas que são afetadas, também são fontes de apoio para o processo de elaboração da perda.

No que tange ao panorama acerca das publicações sobre luto e identidade percebe-se que há uma baixa publicação de artigos que contemplassem o tema, no entanto, sobre o tema luto é evidente o crescente interesse e publicação em diversas áreas do conhecimento. Na ciência psicológica os estudos abrangem as diferentes abordagens, no que se refere a campos de atuação, percebe-se que os artigos colocam a morte em lugar peculiar que seja a clínica ou o hospital. Em relação aos trabalhos que de fato discutem sobre luto e identidade, não foram encontrados.

Para finalizar, destaca-se que este estudo merece um olhar mais aprofundado, indo a campo para investigar as histórias de vida e de luto dos pais. Nesse caso, o trabalho deve ser realizado com os pais, não somente com as mulheres mães ou com os homens pais. A elaboração do luto da perda de um filho é um processo natural que causa dor, sofrimento, alívio e outros sentimentos, é um processo individual e singular, mesmo em casos que envolvem um pai e uma mãe. Com efeito, ao apoderarmos do tema, podemos abrir novos campos de diálogo, pensando sobre de forma crítica e reflexiva sobre o luto e a identidade dos pais, articulando assim, a práxis e a teoria no contexto da Psicologia Social Crítica.

### Referências

American Psychiatric Association. (2014) Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Bernardes, J. S. (2013). História In: Streyy, M. N.; Jacques, M. G. C.; Bernardes, M. G.; Guareschi, P. A.; Carlos, S. A. & Fonseca, T. M. G. (Orgs.), *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. (pp. 19-33) (10a ed.). Petrópolis: Vozes.

Bertrran, D. E. & Gomes, I. C. (2013). A vincularidade enquanto malha e seu esgarçamento ante o luto. *Pensando famílias*, 17(1), 77-88.

Bittencourt, A. L. P.; Quintana, A. M. & Velho, M. T. A. C. (2011). A perda do filho: luto e doação de órgãos. *Estudos de psicologia*, 28(4), 435-422.

Bowlby, J. P. (1985). *Tristeza e Depressão*. (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Bromberg, M. H. P. (1996). *Vida e Morte: Laços da Existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cazanatto, E. & Martta, M. K. (2014). A Perda de um(a) Filho(a) Jovem no Romance *Paula*, de Isabel Allende. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(3), 540-544.

Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. C. (2004). Identidade. In: Codo, W. (Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

Consonni, E. B. & Petean, E. B. L. (2013). Perda e luto: vivências de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal letal. *Ciência e saúde coletiva*. 18(9), 2663-2670.

Cremasco, M. V. F.; Schinemann, D. & Pimenta, S. O. (2015). Mães que Perderam Filhos: uma Leitura Psicanalítica do Filme *Rabbit Hole*. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(1), 54-68.

- Davel, A. P. C. & Silva, D. R. (2014). O processo de luto no contexto do API-ES: aproximando as narrativas. *Pensando família*, 18(1), 107-123.
- Faria-Schützer, D. B.; Lavorato Neto, G.; Duarte, C. A. M.; Vieira, C. M. & Turato, E. R. (2014) Fica um grande vazio: relatos de mulheres que experienciaram morte fetal durante a gestação. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5(2), 113-132.
- Franqueira, A. M. R.; Magalhaes, A. S. & Feres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 32(3), 487-497.
- Freitas, J. L. & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em estudo*, 19(2), 273-283.
- Gaino, B. S.; Flauzinho, G. J.; Silva, D. R. M. & Teixeira, T. S. (2012). O luto antecipatório dos pais de uma criança com doença crônica: uma análise fenomenológica do filme *Em busca da luz*. *Psicólogo informação*, 16(16), 71-101.
- Gomes, S. S.; Laham C. F.; Ferrari, S.; Benute, G. R. G. & Lucia, M. C. S. (2015). O processo de luto pela perda de um filho em uma idosa cuidadora de um paciente crônico. *Psicologia hospitalar*. (São Paulo), 13(1), 64-90.
- Kovács, M. J. (2013) *Morte e Desenvolvimento Humano*. (5a ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E, (2011). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lane, S. T. M, (2004). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: Codo, W. (Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. (pp. 10-19). São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M, (2006) *O que é psicologia social*. (22a ed.). São Paulo: Brasiliense.

- Lemos, L. S. & Cunha, A. C. B. (2015). Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. *Psicologia: ciência e profissão*, 35(4), 1120-1138.
- Lima, A. F. & Ciampa, A. C. (2012). Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: Lima, A. F. (Org.) *Psicologia social crítica: paralaxes do contemporâneo*. (pp. 11-29) Porto Alegre: Sulina.
- Morelli, A. B.; Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2013). Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. *Ciência & saúde coletiva*, 18(9), 2711-2720.
- Muza, J. C.; Sousa, E. N.; Arrais, A. R. & Iaconelli, V. (2013). Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. *Psicologia: teoria e prática*, 15(3), 34-48.
- Oishi, K. L. (2014). O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 30(1), 5-11.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.
- Silva, P. K. S. & Melo, S. F. (2013). Experiência materna de perda de um filho com câncer infantil: um estudo fenomenológico. *Revista abordagem gestáltica*, 19(2), 147-156.
- Souza, A. L.; Wottrich, S. H.; Seelig, C.; Vigueiras, E. S. R. & Ruschel P. P. (2007). O acompanhamento psicológico a óbitos em unidade pediátrica. *Revista de SBPH*, 10(1), 151-160.
- Souza, M. T.; Silva, M. D. & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106.

Recebido em: 14/08/2017.

Aprovado em: 10/10/2017.